

**A francofonia como objeto de ensino em manuais didáticos de FLE (1995-2018):
entre cartografia linguística e invisibilização histórica¹**

***Francophonie as an Object of Teaching in FFL Textbooks (1995–2018): Between
Linguistic Cartography and Historical Invisibility***

Karina Araújo SILVA²
Lino Dias CORREIA NETO³

Resumo

Este artigo investiga a didatização da francofonia em manuais de francês como língua estrangeira (FLE). Trata-se de um estudo exploratório, baseado na análise de seis manuais publicados entre 1995 e 2018. O quadro teórico mobiliza autores como Phan e Guillou (2011), Martel (1997) e Violette (2006), entre outros, cujas contribuições permitem compreender a francofonia em sua complexidade histórica e política. Os resultados indicam a predominância de uma abordagem centrada na classificação e na distribuição espacial da língua francesa. Identificam-se três tendências de didatização: uma primeira, baseada na categorização dos espaços francófonos; uma segunda, que introduz uma sensibilização à variação linguístico-cultural; e uma terceira, que mobiliza a circulação entre contextos e referências históricas, ainda que de forma incipiente. Observa-se que a diversidade é tratada sem problematização das relações de poder constitutivas da francofonia.

Palavras-chave: Francofonia. Didatização. Manuais de FLE.

Abstract

This article investigates the didacticization of francophonie in French as a Foreign Language (FFL) textbooks. It is an exploratory study based on the analysis of six textbooks published between 1995 and 2018. The theoretical framework draws on authors such as Phan and Guillou (2011), Martel (1997) and Violette (2006), among others, whose contributions make it possible to understand francophonie in its historical and political complexity. The results reveal the predominance of an approach centered on the classification and spatial distribution of the French language. Three didactic trends are identified: a first one based on the categorization of Francophone spaces; a second one

¹ Este artigo deriva de Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), intitulado *Francofonia e ensino de FLE: uma análise diacrônica do tratamento pedagógico dos conteúdos culturais e interculturais em livros didáticos*.

² Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: k.araujo22@hotmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: linodias.ufcg@gmail.com

introducing awareness of linguistic and cultural variation; and a third one mobilizing circulation between contexts and historical references, albeit in an incipient manner. The study also shows that diversity is addressed without questioning the power relations constitutive of francophonie.

Keywords: Francophonie. Didactization. FFL Textbooks.

Introdução

Na didática do francês como língua estrangeira (FLE), autores como Cuq e Gruca (2005) defendem que a articulação entre língua e cultura constitui um princípio fundamental do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a apropriação de uma nova língua implica também o acesso a diferentes formas de pensar, agir e significar próprias dos contextos em que ela circula. Nesse cenário, a francofonia ocupa um lugar relevante, por buscar reunir, sob uma mesma designação, uma pluralidade de espaços, práticas e identidades vinculados aos usos e aos estatutos da língua francesa, sendo, ao mesmo tempo, “[...] um conceito sociológico e uma construção política fundada em uma ideologia em constante movimento”⁴ (Martel, 1997, p. 249).

Segundo Phan e Guillou (2011), a francofonia pode ser compreendida a partir de diferentes dimensões – linguística, geográfica, institucional e cultural – que evidenciam a multiplicidade de sentidos em torno do termo. Entre essas dimensões, destacam-se aquelas de natureza geográfica e linguística, que dizem respeito, respectivamente, à distribuição da língua francesa ao redor do mundo e às formas de sua utilização nos diversos contextos em que está presente. Essas dimensões, embora fundamentais para a compreensão da francofonia, não esgotam sua complexidade, uma vez que estão intrinsecamente relacionadas às demais e carregam consigo processos históricos, políticos e culturais mais amplos (Phan; Guillou, 2011).

Nesse contexto, cabe questionar as formas pelas quais a francofonia é transposta como objeto de ensino de FLE, particularmente nos livros didáticos, que desempenham um papel central na mediação dos conteúdos e na construção de representações sobre a língua e suas culturas. Longe de constituir um suporte neutro, o manual didático configura-se como um espaço de seleção, organização e reconfiguração dos saberes, no qual determinados aspectos culturais são privilegiados em detrimento de outros (Auger,

⁴ No original : “[...] un concept sociologique et une construction politique fondée sur une idéologie mouvante” (Martel, 1997, p. 249).

2013), influenciando diretamente a forma como o espaço francófono é apresentado aos aprendizes.

Partindo dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a francofonia é abordada em manuais de FLE, com foco em suas dimensões geográfica e linguística, conforme definidas por Phan e Guillou (2011). Busca-se, assim, compreender como essas dimensões são didatizadas nos materiais, quais aspectos são enfatizados e de que forma se constroem determinadas representações sobre a complexidade linguístico-cultural, política e histórica do espaço francófono no contexto de ensino.

Nessa perspectiva, este artigo fundamenta-se na análise de um *corpus* composto por seis manuais de FLE publicados entre 1995 e 2018, representativos de diferentes momentos da produção didática. Nosso interesse concentra-se em trechos nos quais o conceito de francofonia é mobilizado, considerando tanto os conteúdos verbais quanto os recursos visuais e as atividades propostas.

Para tanto, o artigo organiza-se em quatro momentos principais. Inicialmente, discutimos alguns contornos conceituais relacionados à francofonia, ao seu processo de didatização e à relevância de problematizar as perspectivas de abordagem do termo em manuais didáticos de FLE. Em seguida, apresentamos o quadro metodológico do estudo. Posteriormente, desenvolvemos a análise dos resultados com foco nas três principais tendências de didatização identificadas. Por fim, sistematizamos algumas reflexões sobre os principais resultados nas considerações finais.

Contornos teóricos da francofonia e sua didatização no ensino de FLE

A francofonia constitui um objeto complexo e polissêmico, cuja compreensão ultrapassa a simples identificação de uma comunidade de falantes da língua francesa. Conforme propõem Phan e Guillou (2011), o termo pode ser apreendido a partir de diferentes dimensões, a saber, linguística, geográfica, institucional e cultural, que, embora analiticamente distinguíveis, se articulam de forma dinâmica e, por vezes, tensionada. Nessa perspectiva, a francofonia não se limita à distribuição espacial da língua francesa, mas envolve um conjunto de relações históricas, políticas e culturais que estruturam sua configuração no cenário global.

Em perspectiva histórica, Phan e Guillou (2011) mostram que o conceito passou por sucessivas reconfigurações: em sua origem, vinculado à expansão colonial francesa, ele designava essencialmente o conjunto de territórios e populações associados à difusão da língua francesa; posteriormente, sobretudo no contexto das independências, o termo é ressignificado, em grande medida sob a influência de Léopold Sédar Senghor, passando a designar uma comunidade cultural fundada na partilha de valores e na promoção do diálogo entre povos; mais recentemente, no contexto da mundialização, a francofonia tende a ser apresentada como um espaço de mediação intercultural e de regulação simbólica, assumindo uma dimensão geopolítica e institucional ampliada (Phan; Guillou, 2011). Essa trajetória evidencia que a francofonia não pode ser compreendida como uma realidade homogênea, mas como uma construção histórica, atravessada por diferentes projetos e interesses (Martel, 1997; Phan; Guillou, 2011; Violette, 2006).

Nessa direção, Martel (1997, p. 248) propõe compreender a francofonia como um espaço geolinguístico marcado por forte complexidade interna e por relações de poder. Longe de constituir um conjunto estável e uniforme, a autora mostra que ela se configura como uma rede global composta por espaços heterogêneos, nos quais o francês assume estatutos diversos, variando de língua materna majoritária à língua de uso restrito a determinados grupos sociais. A autora defende, ainda, que essa diversidade não possui caráter meramente descritivo, mas estrutural, por estar vinculada às condições históricas e sociopolíticas de difusão da língua, o que evidencia que o ensino do FLE não pode ser dissociado das ideologias que sustentam a própria francofonia (Martel, 1997).

Ao analisar essas ideologias, Martel (1997) identifica duas orientações predominantes: a ideologia de transmissão, centrada na difusão de uma norma sociocultural fortemente referenciada no modelo hexagonal, e a ideologia de integração, que visa reforçar o papel do francês no interior dos Estados. Na perspectiva da autora, ambas contribuíram, de formas distintas, para a consolidação de uma visão relativamente homogênea da língua e da cultura, frequentemente em detrimento da multiplicidade das práticas francófonas; no entanto, as transformações contemporâneas, associadas à mundialização, exigem um deslocamento desse quadro em direção a uma maior valorização da variedade linguístico-cultural.

Essa tensão entre homogeneização e diversidade é igualmente destacada por Violette (2006), que problematiza a própria noção de francofonia enquanto realidade unificada. Para a autora, trata-se de um objeto que se constrói na articulação entre

discursos diversos e, muitas vezes, contraditórios, nos quais coexistem projetos políticos, representações simbólicas e práticas sociolinguísticas diversas. Enquanto os discursos institucionais tendem a enfatizar a unidade e a coesão do espaço francófono, as abordagens sociolinguísticas evidenciam, ao contrário, sua fragmentação, suas desigualdades e suas dinâmicas de variação, fazendo emergir a francofonia como uma realidade tensionada que exige um olhar crítico aprofundado sobre os processos que a constituem (Violette, 2006).

Ao serem tensionadas no contexto do ensino de FLE, essas questões assumem particular relevância. Conforme observa Sacré (2013), a integração de elementos relativos à francofonia na sala de aula de FLE permanece frequentemente questionável, seja pela dificuldade de acesso a recursos capazes de refletir sua complexidade interna, seja pela persistência de representações simplificadas ou estereotipadas da realidade francófona. Nesse contexto, há o risco de que as culturas francófonas sejam reduzidas a um conjunto de elementos superficiais, utilizados apenas como suporte para a prática linguística, o que contribui para uma compreensão limitada do espaço francófono (Sacré, 2013).

Diante disso, torna-se necessário deslocar a abordagem da francofonia de uma perspectiva essencialmente descritiva, centrada na enumeração de territórios, locutores ou instituições, para uma perspectiva crítica, que considere os processos históricos, as relações de poder e as representações sociais que a atravessam (Violette, 2006). Tal deslocamento implica reconhecer que o ensino de FLE envolve a mediação de sentidos sobre o mundo francófono, o que exige uma atenção particular às formas como essa realidade é construída, selecionada e didatizada.

Nesse quadro, marcado pela configuração multifacetada da francofonia e pelas tensões entre projetos de homogeneização e dinâmicas de pluralização, se torna pertinente interrogar as formas de sua inscrição nos dispositivos didáticos, em particular nos manuais, que ocupam um lugar central na mediação entre saberes de referência e práticas de ensino. Nesse sentido, trabalhos como os de Martel (1997) e Sacré (2013) evidenciam que os materiais didáticos não apenas refletem determinadas concepções de língua e de cultura, mas participam ativamente da construção de representações do espaço francófono, frequentemente marcadas por processos de seleção, simplificação e hierarquização.

Na perspectiva de Auger (2013), o manual didático desempenha um papel central na produção e circulação de estereótipos culturais no ensino de línguas. Ao analisar os

enunciados presentes nesses materiais, a autora evidencia que eles tendem a se apresentar como neutros, uma vez que “o discurso se apresenta, assim, como verdadeiro e objetivo, sem possibilidade de ser colocado em questão”⁵ (Auger, 2013, p. 97), o que contribui para a naturalização de determinadas representações sobre a língua e suas culturas. Como consequência, esses discursos tendem a se impor aos aprendentes sem uma efetiva problematização em perspectiva intercultural, o que pode limitar a reflexão crítica sobre as representações culturais e, ao mesmo tempo, favorecer uma apreensão simplificada da diversidade francófona.

Nessa direção, diferentes estudos empíricos sobre o tratamento da francofonia em manuais de FLE permitem observar de forma mais concreta os efeitos desse processo de didatização. Spiegelman (2022), ao analisar manuais contemporâneos, evidencia que as representações culturais associadas à francofonia são frequentemente construídas a partir da centralidade da França e de formas de representação que produzem imagens “[...] homogêneas, estáticas e essencializadas”⁶ (Spiegelman, 2022, p. 125). Em perspectiva semelhante, as análises de Dumont (2002) mostram que essa tendência se inscreve em uma tradição mais ampla, na qual a pedagogia do FLE frequentemente funciona como suporte para a difusão de uma ideologia linguística, sendo a francofonia mobilizada mais como instrumento de valorização da língua do que como objeto de reflexão.

Diante dessas considerações, parte-se do pressuposto de que a francofonia, ao ser transposta para os manuais de FLE, passa por mecanismos de seleção e de reorganização que influenciam diretamente sua compreensão pelos aprendizes e, por conseguinte, determinadas dimensões tendem a ser privilegiadas, enquanto outras são silenciadas ou marginalizadas. Assim, analisar a presença da francofonia em manuais didáticos de FLE implica examinar não apenas os conteúdos apresentados, mas também os modos de sua didatização, isto é, as formas pelas quais esse objeto é reconfigurado no contexto de ensino-aprendizagem.

⁵ No original : "Le discours se présente alors comme vrai, objectif, sans possibilité d'être remis en question" (Auger, 2013, p. 97).

⁶ No original : “[...] homogènes, statiques et essentialisées” (Spiegelman, 2022, p. 125).

Metodologia

O presente trabalho inscreve-se em uma abordagem qualitativa de natureza exploratória (Gil, 2010), tendo como foco a análise interpretativa de materiais didáticos de francês como língua estrangeira (FLE). Conforme destaca Gil (2010), as pesquisas exploratórias visam proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, permitindo explicitar o objeto e construir interpretações sobre o fenômeno estudado. Nessa direção, a análise proposta considera não apenas os conteúdos apresentados nos materiais didáticos, mas também os modos de sua organização, seleção e transposição para o contexto pedagógico.

Do ponto de vista dos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de caráter documental, uma vez que se apoia na análise de livros didáticos como fontes primárias de dados. Conforme aponta Gil (2010), a pesquisa documental permite examinar materiais que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado, possibilitando a identificação de regularidades, recorrências e lacunas na forma como determinados conteúdos são apresentados.

O corpus da pesquisa é constituído por seis manuais de FLE publicados entre 1995 e 2018, a saber: Cadences 2 (1995), Connexions 1 (2004), Panorama 1 (2004), Tout va bien ! 1 (2005), Totem A1 (2014) e Défi 1 (2018). A seleção desses materiais baseou-se em dois critérios principais: 1. terem configurado ampla circulação e utilização no ensino de FLE; e 2. a diversidade de períodos de publicação, permitindo observar possíveis continuidades e transformações na abordagem da francofonia ao longo do recorte temporal em questão.

A análise concentrou-se em trechos específicos dos manuais nos quais o conceito de francofonia é explicitamente mobilizado, seja por meio de textos, atividades ou recursos visuais, como mapas, imagens e quadros informativos. Esses elementos foram considerados como unidades de análise, na medida em que permitem observar como o conceito é transformado em objeto de ensino. Nesse sentido, buscou-se compreender não apenas quais dimensões do conceito são mobilizadas, mas também como elas são organizadas, articuladas e, em certos casos, atenuadas ou silenciadas nos materiais.

A partir da leitura sistemática do corpus, foram identificadas três tendências de didatização que variam em termos de complexidade e de abertura à diversidade. Essas tendências não foram definidas a priori, mas emergiram do diálogo entre o referencial

teórico e os dados empíricos, permitindo compreender diferentes formas de construção da francofonia como objeto de ensino. Tais formas oscilam entre abordagens mais estabilizadas, centradas na classificação e na localização, e abordagens que buscam incorporar, ainda que de maneira incipiente, elementos de variação linguístico-cultural, comparações entre contextos e referências históricas.

Por fim, destaca-se que a análise não se limita à descrição dos conteúdos, mas busca interpretar os efeitos das escolhas didáticas na construção de determinadas representações da francofonia. Assim, o estudo privilegia uma leitura crítica dos materiais, considerando suas potencialidades e limites no que diz respeito à formação de uma compreensão mais ampla e reflexiva do espaço francófono.

Tendências de didatização da francofonia em manuais de FLE (1995–2018)

A análise dos manuais de FLE evidencia que a francofonia é predominantemente transposta como um objeto didático marcado por uma ênfase em suas dimensões geográfica e linguística. Conforme discutimos anteriormente, longe de ser neutra, essa configuração resulta de um processo de seleção e reorganização do conceito que, ao privilegiar determinados aspectos, tende a reduzir sua complexidade. Nesse quadro, a análise dos dados nos permite identificar modos específicos de didatização que podem ser compreendidos como três tendências: uma primeira, mais frequente e estabilizada, centrada na classificação e na localização; uma segunda, que introduz a diversidade por meio da variação linguística e cultural; e uma terceira, mais dinâmica, que mobiliza a circulação e a relação entre contextos, incorporando referências históricas de forma ainda incipiente, frequentemente tratadas no plano informativo e sem problematização das relações de poder que estruturam a francofonia.

A primeira tendência limita-se à didatização da francofonia em uma lógica de classificação e estabilização, na qual a língua francesa é apresentada em categorias espaciais e funcionais. Nesse modelo, predominam mapas, listas de países e quadros informativos que distinguem diferentes estatutos do francês, isto é, língua materna, oficial, de ensino ou de presença histórica. Essa abordagem pode ser ilustrada pelo manual *Cadences 2* (Figura 1) e inscreve-se diretamente na dimensão geográfica definida por Phan e Guillou (2011), mas a reduz a um modelo de localização e categorização,

desvinculado de qualquer menção às condições históricas que estruturam essa distribuição.

Figura 1 - Página 191 do manual Cadences 2: “*Le monde francophone*”.



Fonte: Berger e Mérieux (1995).

Ao abordar a dimensão espacial, o exemplo acima (Figura 1) opera uma forma de deshistoricização do espaço francófono. A presença da língua francesa é apresentada como um dado, e não como resultado de processos sociais e políticos, o que contrasta com a perspectiva de Martel (1997), que define a francofonia como um espaço heterogêneo, marcado por descontinuidades e relações desiguais. Nesse movimento, a língua deixa de ser compreendida como prática social historicamente situada e passa a ser

tratada como elemento de distribuição territorial, contribuindo para naturalizar sua presença nos diferentes contextos.

Esse efeito é reforçado pelo próprio texto que acompanha o material, no qual se afirma que “*120 millions d’êtres humains s’expriment naturellement en français*”⁷, mobilizando o advérbio *naturellement* para apresentar o uso da língua como espontâneo e evidente, apagando as condições históricas, políticas e sociais que estruturam sua difusão. Trata-se, portanto, de uma transposição que privilegia a dimensão geográfica da francofonia, dissociando-a de suas dimensões histórica e política. Esse movimento aproxima-se do que Dumont (2002) identifica como uma tradição didática na qual a francofonia é mobilizada mais como instrumento de valorização da língua francesa do que como objeto de reflexão. Ao mesmo tempo, ao produzir esse tipo de representação estabilizada do espaço francófono, os materiais tendem a construir imagens “[...] homogêneas, estáticas e essencializadas”⁸ (Spiegelman, 2022, p. 125).

Além disso, por se restringir a uma lógica classificatória, essa tendência distingue-se das demais pela ausência de sensibilização às variações linguísticas e culturais. Conforme discutiremos adiante, enquanto outras propostas introduzem, ainda que de forma incipiente, elementos de diversidade, aqui ela sequer é tematizada, contribuindo para a construção de uma representação homogênea do espaço francófono. Nessa configuração, a língua é apresentada como um sistema uniforme, indiferenciado em seus usos e contextos, enquanto a diversidade, quando não é completamente apagada, reduz-se à distribuição espacial de países e territórios. Esse modo de organização favorece uma leitura naturalizada da francofonia, na qual as diferenças deixam de ser compreendidas como resultado de práticas sociais historicamente situadas e passam a ser dissolvidas em uma cartografia aparentemente neutra.

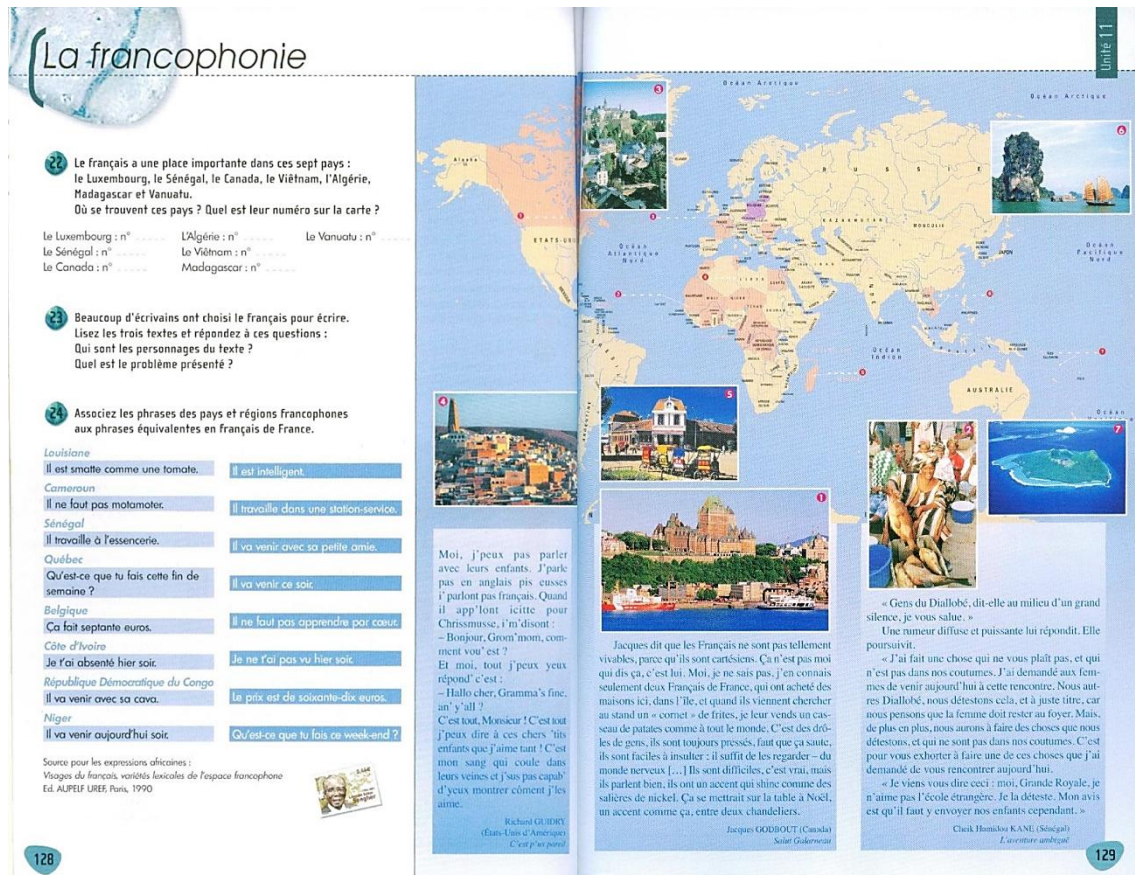
A segunda tendência introduz um deslocamento em relação ao modelo anterior, ao integrar a dimensão geográfica à diversidade linguística e cultural. No manual *Connexions* (Figura 2), essa abertura se materializa não apenas pela apresentação da distribuição geográfica, mas também pela mobilização de variedades linguísticas e culturais da língua francesa em uma atividade que apresenta expressões de diferentes

⁷ No original: “120 milhões de seres humanos se expressam naturalmente em francês”.

⁸ No original : “[...] homogènes, statiques et essentialisées” (Spiegelman, 2022, p. 125).

países francófonos, bem como textos literários provenientes de diferentes espaços francófonos, como a Louisiana, o Québec e o Senegal.

Figura 2 - Páginas 128 e 129 do manual *Connexions I*.



Fonte: Mérieux e Loiseau (2004).

Observa-se, nesse exemplo (Figura 2), um deslocamento em relação à lógica estritamente classificatória, na medida em que a francofonia passa a ser construída por meio da articulação entre mapas, imagens, textos literários e atividades que mobilizam não apenas o reconhecimento dos diferentes estatutos do francês, mas também uma sensibilização às particularidades socioculturais associadas a esses espaços. No que se refere aos textos literários, em especial, eles evidenciam que o francês assume funções distintas conforme as realidades em que circula – ora como língua minoritária, ora em situação de contato com outros idiomas, ora associado à escolarização e a normas culturais específicas –, o que complexifica a representação do espaço francófono. Desse modo, a língua deixa de ser tratada como um sistema homogêneo e passa a ser vinculada a experiências situadas de uso, abrindo espaço para uma primeira aproximação à

pluralidade linguística e cultural, bem como às dimensões políticas que atravessam a francofonia.

Ao mesmo tempo, essa abertura à diversidade encontra seus limites no próprio modo como a variação linguística é didatizada. A atividade que propõe associar expressões de diferentes países e regiões francófonos a seus equivalentes no francês “de referência” evidencia um gesto didático específico de equivalência, no qual a variação é simultaneamente reconhecida e recentralizada. Ao serem apresentadas como formas intercambiáveis, essas expressões tendem a ser reabsorvidas por uma norma implícita, que permanece como eixo organizador do sistema linguístico, o que remete à centralidade da norma sociocultural hexagonal já apontada por Martel (1997).

Nesse processo, a diversidade é reduzida a um repertório de formas alternativas, sem que se problematizem as hierarquias simbólicas e sociais que atravessam as diferentes variedades da língua francesa (Violette, 2006). Além disso, assim como na tendência anterior, observa-se a ausência de uma abordagem das dimensões históricas e coloniais que estruturam a presença do francês em diferentes contextos. Os usos da língua são apresentados sem referência às dinâmicas históricas que os constituíram, o que contribui para a construção de uma francofonia deshistoricizada, na qual desigualdades e tensões são atenuadas ou silenciadas. Tal movimento pode ser relacionado ao apagamento das relações de poder e das violências históricas implicadas na difusão da língua francesa, conforme discutem Canut (2010) e Dumont (2002).

Uma terceira tendência aponta para um deslocamento mais significativo em relação às perspectivas anteriores, na medida em que a francofonia passa a ser mobilizada não apenas como objeto de classificação ou de variação, mas como espaço de circulação e de relação entre contextos, incorporando, ainda que de forma incipiente, elementos de ordem histórica. No manual Panorama 1 (Figura 3), essa lógica se organiza na forma de um “*tour du monde en français*”⁹, que propõe ao aprendiz um percurso entre diferentes espaços francófonos, articulados em uma sequência de atividades que orienta a leitura e a construção de sentidos em torno de alguns elementos da francofonia.

⁹ Tradução: “volta ao mundo em francês”.

Figura 3 - Páginas 160 e 161 do manual *Panorama 1*.

CIVILISATION

TOUR DU MONDE EN FRANÇAIS

Commençons notre voyage par un pays de grands espaces couverts de neige en hiver, de grands lacs et de forêts aux couleurs magnifiques en automne.

Le Québec, province du Canada, était au ^{xviii} siècle l'une des principales colonies établies par les rois de France en Amérique du Nord. Il est devenu anglais en 1763 jusqu'à l'indépendance du Canada en 1931. Mais le français y est aujourd'hui parlé par 80 % de la population et c'est la langue officielle. Un français différent du français de France, avec un accent particulier, des mots empruntés à l'anglais (« boss » pour directeur ou « checker » pour vérifier) et des mots qui ont gardé leur ancien sens (par exemple « char » pour automobile).

Reposons-nous sur une plage de sable blanc à l'ombre des cocotiers. Dans ce paradis, le peintre Paul Gauguin et le chanteur Jacques Brel ont choisi de finir leur vie.

La Polynésie française, c'est 130 îles aux noms magiques (Tahiti, Bora-Bora, les Marquises) réparties sur une surface grande comme celle de l'Europe. Ici aussi, le français est enseigné dans les écoles en même temps que le tahitien, mais entre eux, les Tahitiens préfèrent souvent parler leur langue matoriale.

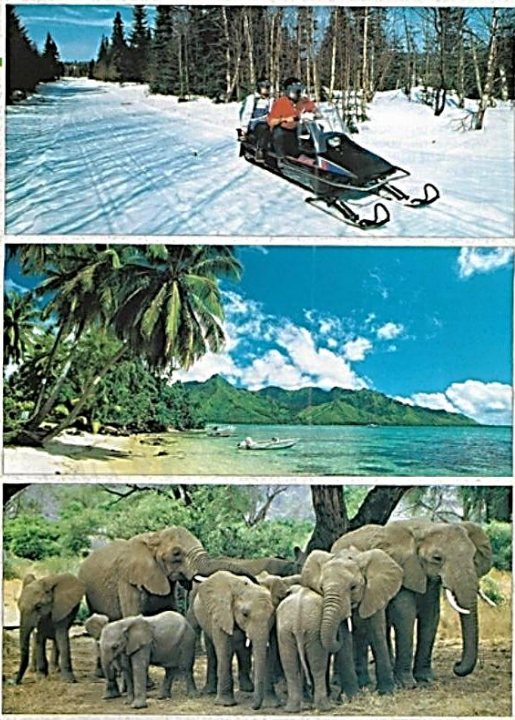
Découverte par les Portugais au ^{xvi} siècle, la Polynésie est devenue française au ^{xix} siècle. C'est aujourd'hui un territoire français autonome (territoire d'outre-mer).

Finissons le tour du monde par un safari dans une réserve d'animaux sauvages ou par la visite d'une grande plantation de café.

Située en Afrique, au bord de l'Atlantique, la Côte d'Ivoire était, jusqu'à son indépendance en 1958, une colonie française. Tous les pays de l'ancien empire colonial français ont gardé la langue française comme langue de communication. Mais le français d'Afrique a son originalité. Il crée des mots et des expressions ou en change le sens. Par exemple « tout le monde a la même tête » signifie « ils pensent la même chose ». En Côte d'Ivoire, le français est la langue officielle et la langue d'enseignement. Il a donné, comme dans les autres pays francophones, une importante et belle littérature.

- 1 Observez la carte de la page 155. Repérez les grandes zones francophones. Situez les trois étapes du « Tour du monde en français ».
- 2 Dans quel paragraphe parle-t-on :
 - d'un pays ?
 - d'une province ?
 - d'un territoire autonome ?
- 3 Comparez les paysages de ces trois lieux :
 - relevez le vocabulaire de la géographie,
 - complétez-le en décrivant les images.
- 4 Comparez la situation de la langue française dans ces trois lieux. Indiquez :
 - son origine historique,
 - son importance actuelle (parle-t-on seulement français, etc. ?),
 - l'originalité de la langue.
- 5 Si vous deviez vivre dans un de ces pays, lequel choisiriez-vous ? Dites pourquoi.

160 • Cent soixante



Cent soixante et un • 161

Fonte: Girardet e Cridlig (2004).

Diferentemente das tendências anteriores, não se trata apenas de identificar a presença da língua ou de reconhecer suas variações linguístico-culturais, mas de colocá-la em movimento, por meio de aproximações, comparações e articulações entre contextos, ao mesmo tempo em que se introduzem referências a processos históricos que marcaram a difusão da língua francesa. Nesse sentido, observa-se, por exemplo, a menção a colonizações e independências, o que parece sinalizar uma abertura para a dimensão pós-colonial da francofonia. No entanto, essa referência não se desdobra em espaço para uma problematização das relações de poder que estruturam a presença da língua francesa, de modo que os elementos históricos são mobilizados como informação, e não como instrumento de reflexão, o que pode limitar o alcance crítico da proposta.

Cabe problematizar os próprios contornos da apresentação das referências históricas no exemplo em questão, no qual se destacam formulações como “Il [le Canada] est devenu anglais en 1763”¹⁰ ou “La Polynésie est devenue française au ^{XIX}e siècle”¹¹.

¹⁰ No original: “Ele [o Canadá] tornou-se inglês em 1763”.

Nessas ocorrências, o uso do verbo *devenir*¹² contribui para apresentar processos históricos complexos como simples transformações, desprovidas de agentes, conflitos e relações de dominação. Conforme observou Spiegelman (2022), esse tipo de efeito insere-se em um conjunto mais amplo de estratégias discursivas presentes nos manuais de FLE, que incluem o recurso a construções desagentivadas – por meio do uso de verbos de estado, da voz passiva e de um léxico neutralizante – e que contribuem para neutralizar os conflitos e naturalizar a presença da língua francesa, reconfigurando a colonização mais como continuidade histórica do que como resultado de relações de dominação e resistência. Assim, mesmo quando colonização e independência são mencionadas, elas aparecem como marcos pontuais, dissociados das lutas e tensões que as constituíram. Esse movimento aproxima-se do que Spiegelman (2022, p. 134) descreve como a “potência colonizadora invisível”¹³, configurada nos manuais didáticos por meio de estratégias de atenuação da responsabilidade do colonizador.

Desse modo, embora esta tendência sinalize uma ampliação da abordagem, pela articulação entre diferentes espaços francófonos e pela introdução de referências históricas, a francofonia continua sendo didatizada segundo uma lógica de atenuação das tensões históricas e políticas. Como observa Spiegelman (2022, p. 134), constrói-se “um quadro quase idílico da colonização”¹⁴. Assim, a diversidade e as referências históricas são tangenciadas, mas não efetivamente tensionadas, o que limita a construção de uma perspectiva didática crítica. Tal configuração se relaciona, por um lado, com a análise de Martel (1997), que compreende a francofonia como um espaço atravessado por relações de poder, e, por outro, a crítica de Violette (2006) quanto às formas de representação que estabilizam e simplificam sua heterogeneidade constitutiva.

Considerações finais

Como apontam Phan e Guillou (2011), a francofonia constitui um objeto complexo, atravessado por dimensões múltiplas e inscrito em uma história marcada por

¹¹ No original: “A Polinésia tornou-se francesa no século XIX”.

¹² Tradução : Tornar-se.

¹³ No original : “Puissance colonisatrice invisible.” (Spiegelman, 2022, p. 134).

¹⁴ No original : “Un tableau presque idyllique de la colonisation.” (Spiegelman, 2022, p. 134).

processos coloniais, recomposições políticas e dinâmicas interculturais. No entanto, ao serem transpostas para o contexto didático, essas dimensões são mobilizadas de formas que implicam perdas, silenciamentos e reconfigurações. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar de que maneira a francofonia é abordada em manuais de francês como língua estrangeira (FLE), com foco em suas dimensões geográfica e linguística, a partir de um corpus composto por seis manuais publicados entre 1995 e 2018.

Os resultados evidenciam que a francofonia é frequentemente apresentada a partir de uma lógica centrada na distribuição espacial da língua e na identificação de seus diferentes estatutos, materializada por meio de mapas, listas de países e atividades de reconhecimento. Embora essa abordagem contribua para evidenciar a amplitude global do francês, ela tende a reduzir sua complexidade histórica, política e cultural. Ao mesmo tempo, a análise permitiu identificar a existência de diferentes tendências de didatização, que variam em termos de complexidade e de abertura à diversidade, indo de formas mais estabilizadas a abordagens mais dinâmicas, que introduzem variação linguístico-cultural, circulação e comparação entre contextos.

No entanto, mesmo nessas abordagens mais complexas, a diversidade tende a ser tratada em um plano predominantemente descritivo, sem que se desdobre em elementos de reflexão sobre as condições históricas, sociais e políticas que estruturam o espaço francófono. Nesse sentido, no material analisado, a didatização da francofonia opera por meio de um processo de reconfiguração que privilegia determinadas dimensões do conceito em detrimento de outras: a centralidade da dimensão geográfica tende a reforçar uma leitura espacializada da língua, enquanto os elementos culturais e interculturais aparecem de maneira pontual e frequentemente desvinculados das tensões históricas que atravessam a francofonia.

Como discutimos ao longo do artigo, a partir da base teórica mobilizada, mais do que um conjunto de territórios, estatutos linguísticos ou referências culturais estabilizadas, a francofonia constitui um espaço atravessado por disputas históricas, políticas e simbólicas. Nesse sentido, conforme defendem Mabanckou e Mbembe (2018), a língua francesa não pode ser reduzida a uma lógica institucional ou nacionalitária, mas deve ser compreendida em seu caráter “transnacional e transversal”, como espaço de circulação, pluralidade e construção comum. Nesse horizonte, pensar a francofonia no ensino de FLE implica, para além do reconhecimento da diversidade que constitui a

francofonia, abrir espaço para abordagens capazes de problematizar as historicidades, os conflitos e as relações de poder que atravessam os diferentes contextos de circulação da língua francesa.

Referências

- AUGER, N. Le stéréotype en classe et dans les manuels de langues: un outil de réflexion pour la didactique. In: BARROS, M. L. J. D; BARBOSA, M. V.; ROCHEBOIS, C. B. (Org.). **Recherches en didactique des langues étrangères: Thèmes majeurs**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2013.
- BERGER, D.; MÉRIEUX, R. **Cadences 2: méthode de français**. Paris: Didier, 1995.
- CANUT, C. « À bas la francophonie ! » : De la mission civilisatrice du français en Afrique à sa mise en discours postcoloniale. In: **Langue Française**, [s. l.], v. 167, n. 3, p. 141-158, 2010. Disponível em: <<https://shs.cairn.info/revue-langue-francaise-2010-3-page-141?lang=fr>>. Acesso em: 05 de abr. de 2026.
- CUQ, J. P.; GRUCA, I. **Cours de didactique du français langue étrangère et seconde**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2005.
- DUMONT, P. Les manuels de FLS et la francophonie. In: **Études de linguistique appliquée**, [s. l.], v. 125, n. 1, p. 111-121, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.3917/ela.125.0111>>. Acesso em: 05 de abr. de 2026.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- GIRARDET, J.; CRIDLIG, J. M. **Panorama 1: Méthode de français**. Paris: CLE International, 2004.
- MABANCKOU, A.; MBEMBE, A. Le français, notre bien commun. **L'Obs**, Paris, 11 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.nouvelobs.com/idees/20180211.OBS2020/le-francais-notre-bien-commun-par-alain-mabanckou-et-achille-mbembe.html>>. Acesso em: 05 de abr. de 2026.
- MARTEL, A. Mondialisation, francophonie et espaces didactiques : Essai de macrodidactique des langues secondes/étrangères. In: **Revue des sciences de l'éducation**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 243-270, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/031915ar>>. Acesso em: 10 de out. de 2025.
- MÉRIEUX, R.; LOISEAU, Y. **Connexions 1: méthode de français**. Paris: Didier, 2004.
- PHAN, T.; GUILLOU, M. **Francophonie et mondialisation: Histoire et institutions des origines à nos jours**. Paris: Éditions Belin, 2011.

SACRÉ, S. Enseigner la Francophonie dans les cours de Français Langue Seconde au niveau universitaire: expériences et défis. In. **Voix plurielles**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 418-435, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.26522/vp.v10i2.875>>. Acesso em: 10 de out. de 2025.

SPIEGELMAN, J. D. Un regard critique sur le traitement de la francophonie dans deux manuels de français langue étrangère (FLE). In. **The French Review**, [s. l.], v. 95, n. 4, 2022, p. 123-141. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1353/tfr.2022.0077>>. Acesso em: 05 de abr. de 2026.

VIOLETTE, I. Pour une problématique de la francophonie et de l'espace francophone: réflexions sur une réalité construite à travers ses contradictions. In. **Francophonie d'Amérique**, [s. l.], v. 21, [s.n.], p. 13-30, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/1005362ar>>. Acesso em: 10 de out. de 2025.